

BOLETIM EDUCAÇÃO EM EVIDÊNCIAS



NESTA EDIÇÃO

SEMINÁRIO EM 09/04

AHIRTON LOPES
ALGORÍTIMO PARA
PREVENIR A EVASÃO
ESCOLAR

DEBATE: GÊNERO NA
ESCOLA -
MASCULINIDADES E A
TRAJETÓRIA DE MENINOS



Foto de Magda Ehlers no [Pexels](#)

O que há de novo

PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DE SP SERÃO VACINADOS A PARTIR DO DIA 12 DE ABRIL

O Secretário Estadual da Educação Rossieli Soares pede que todos os profissionais da educação se cadastrem no site <https://vacinaja.sp.gov.br/educacao> para receberem a primeira dose da vacina. Na primeira etapa serão vacinados servidores e funcionários a partir de 47 anos. Saiba mais [aqui](#).

NOVOS INDICADORES COMPARAM A DESIGUALDADE EDUCACIONAL ENTRE PAÍSES

[Reportagem](#) de 27/03/2021 da **Folha de São Paulo** divulgou os resultados de estudo inédito do **Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social (IMDS)** sobre a desigualdade na educação em comparação internacional. O estudo analisa mudanças havidas ou não entre gerações. Mostra que a chance de repetir a baixa escolaridade do pai entre brasileiros é o dobro do que entre americanos. O efeito da cor/raça nas oportunidades educacionais no Brasil se soma ao efeito da pobreza. Visite o [site do IMDS](#), que conta com tabelas e gráficos interativos. É uma fonte de informação para educadores(as) que também pode ser usada em sala de aula.

ASSISTA PELO APLICATIVO E NO YOUTUBE DO CENTRO DE MÍDIAS DE SÃO PAULO, CANAL GESTÃO



**DIA 09/04 ÀS
14H**

AHIRTON LOPES

**O USO DE
ALGORÍTMOS
PARA PREVENIR
A EVASÃO
ESCOLAR**

Ahirton Lopes é Chief Data Officer na Lambda3, tendo atuado como Cientista de Dados na Seduc SP durante dois anos. Premiado em 2020 como *Most Valuable Professional* (MVP) em Inteligência Artificial pela Microsoft, também é professor de MBA na FIAP, e fundador e co-organizador na AI Brasil. É mestre em Engenharia Elétrica pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e doutorando em Engenharia Elétrica e Computação na mesma instituição.

Dados gerados pelo monitoramento diário de alunos e professores, tanto em ambientes tradicionais de aprendizagem quanto em e-learning, podem ser utilizados para **melhorar a educação** de várias maneiras, subsidiando a recomendação de materiais didáticos, a criação de planos de estudo personalizados e gerando previsões sobre o desempenho dos alunos. No seminário Ahirton falará de um desses usos, voltado à **identificação de alunos em situação de evasão escolar**, baseado no uso de **algoritmos de Inteligência Artificial** e dados administrativos, de modo que possamos visualizar o que vem a seguir.



**Como o
tratamento de
dados
administrativos
pode melhorar a
educação?**

**Como a
Inteligência
Artificial ajuda a
prever a evasão
escolar?**



GÊNERO NA EDUCAÇÃO PARTE 1: MASCULINIDADES E AS TRAJETÓRIAS DE MENINOS

No dia 04 de dezembro do ano passado o [seminário do Escritório de Evidências](#) recebeu **Cynthia Torres Toledo**, doutoranda em educação pela USP com bolsa pela Fapesp, mestre em educação e licenciada em pedagogia pela mesma universidade, pesquisadora do tema gênero e desempenho escolar, com foco na produção teórica sobre masculinidades e o desempenho escolar de meninos. O título de sua apresentação, em que apresentou resultados preliminares de sua pesquisa de doutorado, fruto de trabalho de campo realizado em escolas em 2018, foi: “Masculinidade e escolarização. **Meninos podem ser bons alunos?**”

Em 26 de março passado recebemos Betina Stefanello Lima e Maria Lúcia de Santana Braga, que falaram da participação feminina nas ciências e nas tecnologias (em breve no Youtube). A complementaridade entre essas duas abordagens é evidente, e serve para mostrar como concepções e práticas de gênero prejudicam tanto meninos quanto meninas, de maneiras distintas, em sua experiência escolar. Quando falamos de **concepções e práticas de gênero** estamos falando de modos de pensar e agir de estudantes, famílias, comunidades, professores(as), gestores(as) escolares, construídos socialmente, pautados muitas vezes por visões preconcebidas, preconceituosas e simplificadoras do que é “ser menino / ser homem” ou “ser menina / ser mulher”. Se tais visões são construídas socialmente, elas podem também ser desconstruídas, transformadas,

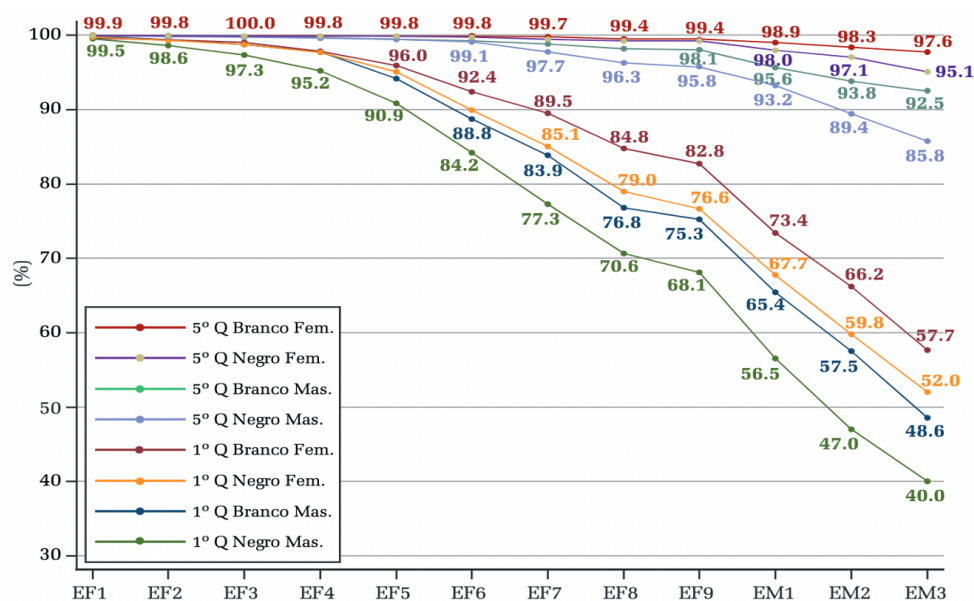
a partir do estudo e reflexão coletiva sobre tais fenômenos. Nesse contexto, o papel da escola é fundamental. No momento atual por que o Brasil está passando, em que a ciência tem sido fortemente atacada, e em que os mecanismos de comunicação em massa via redes sociais transmitem informações falsas sobre quase tudo, a escola tem, mais que nunca, a obrigação de ser a guardiã do pensamento crítico e científico, e dos valores da igualdade e cidadania.

Neste artigo falaremos do estudo de Cynthia Toledo, e em um próximo boletim será a vez de discutir as meninas e mulheres nas ciências exatas, e o papel da escola nisso tudo. Algumas das perguntas centrais que a pesquisa de Cynthia busca responder são: o que explica a diferença de desempenho entre meninos e meninas? **Quem são os meninos que enfrentam maiores dificuldades?**

Seu ponto e partida são os dados estatísticos, que demonstram que no Brasil, a partir dos anos 1950, as meninas e mulheres passaram a superar meninos e homens no acesso à educação, e que particularmente os meninos negros, e entre eles os de famílias pobres, têm os piores níveis de acesso e permanência na educação. Essa é a primeira constatação importante: se fala em masculinidades no plural justamente porque **cor/raça/etnia, classe social e gênero são todos aspectos inter-relacionados e determinantes** da experiência individual, conforme comprova o gráfico abaixo, extraído da apresentação de Cynthia.



CURVAS DE ACESSO DE JOVENS DE 19 A 24 ANOS POR GRUPOS COM CARACTERÍSTICAS COMBINADAS DE RENDA, SEXO E COR/RAÇA. BRASIL - 2017



Fonte: [Simões, A.A. 2019](#)

O 1o quartil de renda (1o.Q na legenda acima) reúne os 20% mais pobres, e o 5o. os 20% mais ricos. Notem a enorme desigualdade de acesso entre negros do sexo masculino no grupo mais pobre e brancas do grupo mais rico.

Constatando a **escassez de estudos sobre educação e masculinidades no Brasil**, Cinthia conta que quis estudar como pensam e agem os meninos, e particularmente os meninos negros, porque esse aspecto ainda não tinha sido estudado pelas pesquisas brasileiras – as que existem falam das concepções e práticas de professores(as). Observa que as trajetórias escolares curtas e conturbadas dos meninos negros e pobres em geral são explicadas pelo senso comum a partir apenas dos aspectos de classe e raça, quando há uma participação muito importante das concepções de gênero, como ela procura mostrar com sua pesquisa.

Falando um pouco do método, Cinthia fez o que a antropologia chama de “trabalho de campo”: frequentou uma escola pública municipal da subprefeitura do Butantan,

de março a dezembro de 2018, em média 3 vezes por semana, acompanhando as aulas, as interações e entrevistando meninos, meninas e professores(as). Os alunos eram em sua maioria negros e vinham das favelas no entorno. Em sua apresentação, ela recorre bastante a suas anotações dos cadernos de campo, muito ricas. Seguramente muitos professores e professoras se identificarão com os relatos dela, vale assistir justamente por isso: a reflexão teórica se torna muito mais significativa quando está próxima da realidade de vida e profissional da pessoa.

Partindo da bibliografia internacional, Cinthia menciona estudos sobre outros contextos nacionais que descobriram, entre meninos das classes trabalhadoras, uma visão do trabalho escolar como sendo feminino, segundo a qual um “menino de verdade” não pode se engajar nele. Segundo esses estudos, tais meninos teriam dificuldade de agir socialmente como “bons alunos”. Cinthia quis verificar se o mesmo poderia ser afirmado para o contexto brasileiro.



Cynthia verificou uma disputa entre os meninos “do fundão” e “da frente”. Mesmo que os do fundão não necessariamente tivessem todos baixos desempenhos, a maioria dos repetentes estava no grupo. Da mesma forma, mesmo que os da frente não tivessem necessariamente os melhores desempenhos, eles não entravam em conflito com as(os) professoras(os) e parecia haver uma noção difusa de que eles teriam trajetórias escolares mais lineares, cursariam o ensino médio, enquanto que sobre o fundão o futuro escolar estava sempre em discussão. Mais do que definir distinções espaciais, esses termos definiam, segundo Cynthia, práticas sociais bem distintas de masculinidade, que denotam o **desafio comum para todos os meninos**, que é a dificuldade de se constituir e se afirmar como bom aluno nas interações com os outros meninos. Mesmo meninos do fundão que, segundo as professoras, tinham bom desempenho, faziam questão de se autodeclararem como maus alunos. Dedicar-se demais às atividades fazia com que os meninos fossem provocados pelos pares. Tal atitude era associada a “continuar a ser criança”, enquanto amadurecer, virar adolescente, estava associado a um afastamento da escola. Ser estudioso seria, nesse contexto, continuar a ser criança. Os meninos do fundão expressavam publicamente, às vezes inclusive por práticas de assédio, o interesse em estabelecer relações heterossexuais com meninas da escola, e provocavam os meninos da frente, que chamavam pejorativamente de “mongóis”, dizendo que eles não sabiam usar a inteligência para o que era “importante”, conquistar as meninas.

Cynthia levanta ainda um outro elemento que traz maior complexidade ao assunto, que é o fato de esses alunos serem meninos de periferia, “da favela”, cotidianamente associada à violência e criminalidade, lembrando a constante violência policial sofrida por tais comunidades. A escola é permeável a tais noções, algo que afeta os relacionamentos entre estudantes e professores. Um dos meninos entrevistados disse ter a impressão, pela atitude dos(as) professores(as), quando se surpreendem com gestos de engajamento ou bom desempenho, de que elas devem pensar: “esse aí ou vai dar caixão ou vai dar cadeia”. O contexto sociocultural em que os **meninos negros, pobres e periféricos** se encontram também permeia suas interações na escola: práticas ilícitas ou pequenas violações da legalidade são valorizadas nessas interações. Afirmam, usando exemplos de jovens mais velhos, o alto status social daqueles que “estão no crime”. Aqui abrimos um parêntese para mencionar estudos de [Alba Zaluar](#) e outros autores, sobre a construção de concepções de masculinidade associadas à violência e ao crime, em comunidades periféricas do Rio de Janeiro, que também contribuem para esse debate, muito embora não tenham sido objeto do Seminário de Cynthia. Para concluir, e voltando à indagação inicial, a pesquisa de Cynthia verificou, em uma escola brasileira, fenômeno semelhante àquele verificado em estudos internacionais, em que a noção de masculinidade dos meninos negros e pobres os afasta da escola, mostrando como concepções e práticas de gênero de grupos de pares – ou seja, grupos de meninos – podem condicionar seu desempenho escolar nos



anos iniciais e finais do ensino fundamental. Essa oposição entre o “fundão” e a frente não é algo novo, é algo bem observado por professores. O que é preciso estudar mais a fundo é como a escola pode agir a partir do conhecimento desses aspectos associados à construção das masculinidades. Cinthia aponta a necessidade de mais estudos que aprofundem a investigação sobre o relacionamento desses grupos de meninos com a escola. Interessante

observar que entre as meninas não havia qualquer oposição entre grupos: as meninas com melhor desempenho tinham maior status social entre suas pares. Não por acaso, em geral eram as meninas com melhor condição econômica na família, que não viviam na favela, as “melhores alunas”. Por outro lado, Cinthia verificou que meninos “do fundão”, que agiam como rebeldes, tinham maior status social entre todas as meninas – mais um aspecto das questões de gênero na escola a exigir estudo e reflexão.

Cartas, recados, e outros...

ESCREVAM PARA EVIDENCIAS@EDUCACAO.SP.GOV.BR

Caros(as) leitores(as),

Agradecemos a todos e todas que têm escrito para o **Escritório de Evidências** com sugestões, motivadas pelos seminários ou pelos Boletins!

Lembrando: buscamos sugestões de pesquisas sobre educação que em sua opinião mereçam ser apresentadas em nossos seminários, ou de assuntos a serem tratados no boletim.

Se tiverem resenhas de obras que acham importante divulgar, sempre na lógica das evidências educacionais, mandem pra gente também!

Abraços,



Clique [aqui](#) para acessar o nosso Canal!